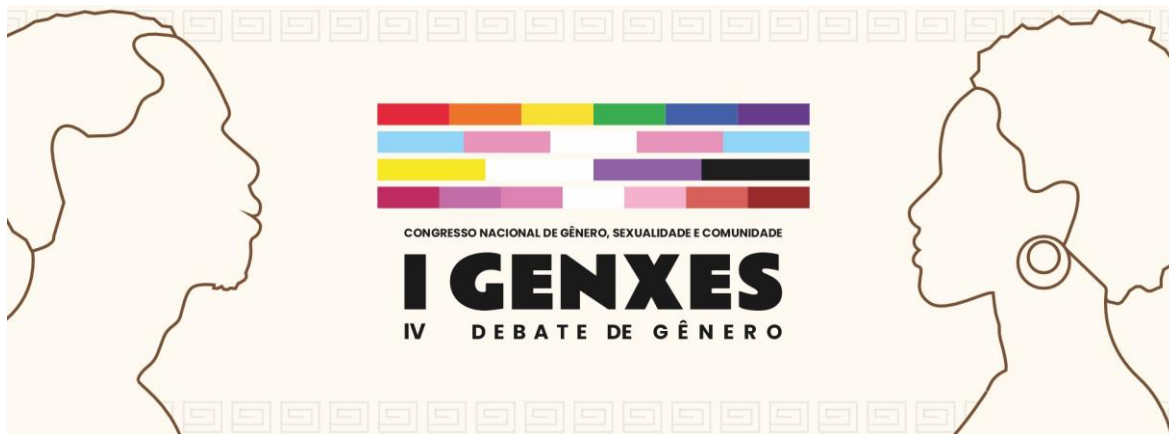




O ESPAÇO GENERIFICADO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Eixo Comunitário: 8. Educação das relações étnico raciais, gênero e sexualidade

Rebecca Aragão de Oliveira Costa¹

Luciana de Sousa Santos²

RESUMO: A presente pesquisa buscou analisar a participação nas aulas e ocupação dos espaços de meninas durante as aulas de Educação Física no ambiente escolar, e de como esses ambientes tornam-se generificados, ou seja, marcado por divisões com base no gênero. O texto utilizou a revisão bibliográfica como metodologia, analisando artigos, livros e revistas científicas sobre o gênero e Educação Física. Atualmente, a pesquisa encontra-se na fase de levantamento e análise das referências teóricas com cunho feminista, buscando compreender como o currículo e as práticas pedagógicas podem reforçar o binarismo de gênero e influenciar a experiência dos alunos. Por tanto, os resultados parciais apontam que a ocupação dos espaços e a participação nas aulas são influenciadas por normas de caráter social que associam os meninos a ambientes públicos e desafiadores, enquanto meninas tendem a ser direcionadas a espaços privados, mais restritos e comportamentos mais passivos, assim, evidenciando estes comportamentos nas escolas, nas aulas de Educação Física.

Palavras-chave: Gênero; Educação Física Escolar; Meninas e Meninos. Espaços Generificados; Pedagogia de gênero;.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa buscou analisar a participação de meninas e meninos nos espaços durante as aulas de Educação Física Escolar (EFE) lançando luz sobre a forma como esses ambientes se torna generificados. Nas aulas práticas percebe-se uma divisão conflitante na ocupação desses espaços, frequentemente realizadas em quadras ou pátios resultando em diferenças significativas na presença, desempenho e destreza do binômio de gênero feminino e masculino.

¹Discente do IFCE- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, Campus Juazeiro do Norte-CE. Integrante dos grupos de estudos GEEPECOS (Grupo de Estudos, pesquisa e extensão em Educação, Corporeidade e Sociedade) E MONA (Coletivo Interdisciplinar de Pesquisa em Gênero, Diversidade Sexuais e Corpos) e-mail para contato: rebecca.oliveira08@aluno.ifce.edu.br

²Mestre em Educação e Ensino pelo Mestrado Acadêmico Intercampi de Educação e Ensino (MAIE) FADIDAM/FECLESC pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) em 2017. Licenciatura em Educação Física pela Universidade Regional do Cariri (2007). Professora efetiva do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFCE) desde de 2011. Líder do grupo de pesquisa Mona: Coletivo interdisciplinar de estudos e pesquisa em gêneros, diversidades sexuais e corpos - (COLETIVO MONA) do IFCE.



O estudo de caráter feminista, organiza-se em três correntes centrais, sendo: marxista, culturalista e pós-estruturalista. Elaborado a partir da aproximação de vivências das autoras e em conjunto de leituras, e compreensões de produções científicas sobre os temas, como: as relações de gênero na escola, pedagogia do gênero, metodologias de ensino na EFE, estereótipos nas práticas corporais, entre outros, a fim de analisar a ocupação dos gêneros nos espaços durante as aulas da disciplina de educação física. Apoiando-se nas filosofias de renomadas pesquisadoras, como: Joan Scott, Helena Altmann e Guacira Louro. Onde Scott oportuniza a reflexão do gênero como um viés histórico para entender as relações de poder e identidade, enquanto Altmann (2015) contribui com estudos das interações entre gênero, corpo e educação física, dando atenção à reprodução e contestação das normas de gênero no ambiente escolar. Louro (1997), por sua vez, analisa a pedagogia e a construção das identidades de gênero, aprofundando compreensões sobre as identidades múltiplas e as relações do gênero em diferentes contextos educacionais.

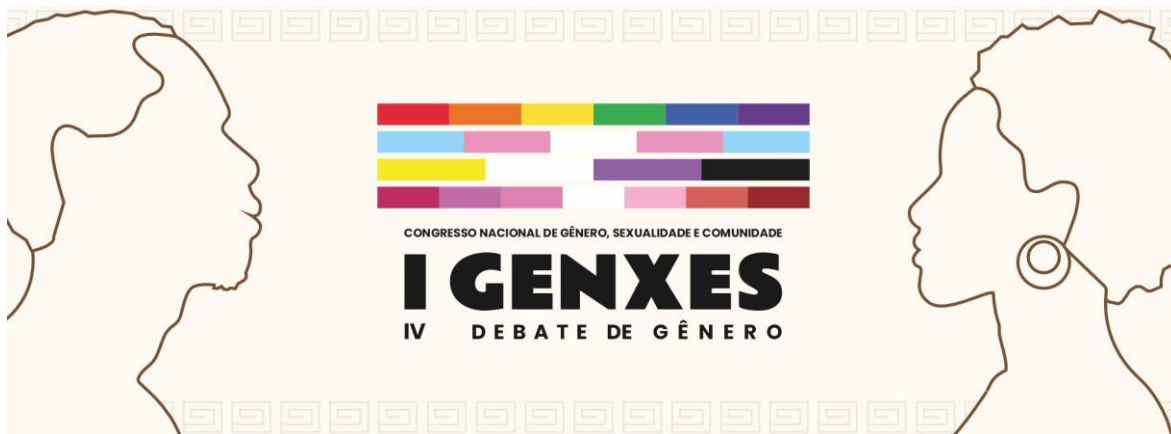
Na sociedade com a visão tradicional coloca o masculino e o feminino como opostos, muitas vezes vinculados a lógica de dominação-submissão, onde um gênero é visto como o dominador e o outro como o dominado. Ampliar a compreensão de gênero, lançar luz as diferentes formas de masculinidade e feminilidade que se manifestem em variados contextos, especialmente no ambiente escolar. Essa disposição espacial generificada nas aulas de educação física influencia na criação e manutenção dos padrões de comportamentos que interferem diretamente no processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Carolina Andrade e Amon Barros (2009) algumas práticas docentes realizadas nas escolas, contribui com a construção dos estereótipos e as relações de gênero estabelecidas durante a construção do saber, muitas vezes, a professora e professor tendem a ver diferenças de comportamento de gênero de forma “natural” e “normal”, mesmo que de maneira não-consciente, acaba reforçando estes espaços generificados.

O conceito de “generificado” apresentado em questão, está relacionado a algo que é esculpido, separado, construído com base em gênero.

A autora Joan Scott (1986-1995, p.75) considera que:

O termo "gênero" também é utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. Seu uso rejeita explicitamente explicações biológicas, como aquelas que encontram um



denominador comum, para diversas formas de subordinação feminina, nos fatos de que as mulheres têm a capacidade para dar à luz e de que os homens têm uma força muscular superior. Em vez disso, o termo "gênero" torna-se uma forma de indicar "construções culturais"- a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres.

Quando se trata do espaço generificado nas aulas práticas da EFE, estamos trazendo a separação e divisão por sexo, nas modalidades esportivas, nos conteúdos e no comportamento e desempenho quando comparamos meninos e meninas.

Nesse contexto Helena Altmann (2015) destaca em seus estudos que os lugares de difícil acesso nas escolas geralmente são mais frequentados por meninos. Isto se deve principalmente pela construção de ideais ao qual os meninos devem ser mais valentes e exploradores (masculino - espaço público), buscando sempre novos desafios, com “instinto” de sobrevivência, enquanto as meninas “tendem” a ser mais obedientes, cuidadosas e reflexivas (feminino - espaço privado/doméstico), tendo outras maneiras de solucionar os problemas do mundo.

Assim, a problemática deste texto, surge no seguinte questionamento: De que forma a compreensão social dos gêneros influenciam no envolvimento dos alunos nas aulas de educação física, e de que maneira estes comportamentos se manifestam nas aulas? Assim, objetiva-se investigar fenômenos que influenciam na construção de padrões de comportamentos, no qual meninas e meninos se inserem em lugares distintos e, por muitas vezes, desiguais dentro das aulas de educação física e, apontar perspectivas pedagógicas tensionadoras à ficção de masculino versus feminino.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada para a elaboração deste estudo foi à revisão bibliográfica, onde foram analisadas produções científicas, disponibilizados na internet sobre a temática de gênero e Educação Física. De acordo com Santos; Candeloro (2006) a revisão bibliográfica que também pode ser encontrada com nominal de Revisão de literatura ou Referencial teórico, e é inserida a partir de um projeto ao qual utiliza-se o universo de contribuições científicas de autores sobre um tema específico. Materializamos esses dados no ano de 2025 por meio plataformas digitais acadêmicas, como a *Scientific electronic*



library online (SciELO), a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de nível Superior (CAPES) e o *Google Acadêmico*.

Além da revisão bibliográfica, as autoras deste estudo trouxeram reflexões baseadas em suas próprias experiências com o tema, vivências e percepções sobre a organização dos espaços escolares e a participação de diferentes grupos nas aulas de EFE. Os grifos próprios reforçam a importância de um olhar crítico sobre as variáveis de poder e o ambiente escolar que pode reproduzir ou desconstruir as divisões generificadas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa destacou que durante as aulas de Educação Física Escolar (EFE), é notório a diferença de comportamento das meninas e dos meninos. Meninos costumam agir com mais independência nas aulas de EFE, principalmente nas atividades competitivas, enquanto as meninas tendem a serem direcionadas a praticarem e buscarem por atividades que desempenham pouco esforço físico, fugindo de práticas que demonstrem força, como se não fossem aptas para isto, assim, sendo passivas e domesticadas.

Essa distribuição e divisão não é aleatória, é resultado de um processo histórico-cultural que associa meninos/homens a ambientes amplos, complexos, públicos e competitivos enquanto meninas são direcionadas a espaços mais restritos, privados e passivos assim ressalta a historiadora Joan Scott na obra “Gênero: uma categoria útil de análise histórica” (1986-1995). Desde a infância, essas divisões são ditas e percebidas como o comportamento ideal.

Outro tópico levantado é a influência da metodologia adotada pelos professores nas escolas. Estudos como os de Goellner (2005) afirmam que as práticas dos docentes podem reforçar ou desconstruir desigualdades de gênero, dependendo da abordagem e do conteúdo escolhido e utilizado pelo professor.

A escola atribui um papel fundamental enquanto instituição que exerce poder, ou seja, um aparelho ideológico do estado (Althusser, 1985; Andrade; Souza, 2023). Ao pensarmos em relações de gênero e de como estas são postas na escola. A professora Guacira Louro, renomada pesquisadora de gênero no Brasil, afirma que:



[...] a escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o "lugar" dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas. Através de seus quadros, crucifixos, santas ou esculturas, aponta aqueles/as que deverão ser modelos e permite, também, que os sujeitos se reconheçam (ou não) nesses modelos. O prédio escolar informa a todos/as sua razão de existir. Suas marcas, seus símbolos e arranjos arquitetônicos "fazem sentido", instituem múltiplos sentidos, constituem distintos sujeitos (Louro, 1997 p. 58).

O currículo escolar de uma instituição de ensino também não é neutro "o currículo não é um elemento inocente e neutro de transmissão desinteressada do conhecimento social" (Moreira & Silva 1995, p.7-8). Pelo contrário, ele é preciso, estratégico e controlado, refletindo escolhas que envolvem valores, ideologias e interesses específicos. Dessa forma, o currículo não apenas organiza o ensino, mas também influencia a formação dos sujeitos, determinando quais práticas que são priorizadas e para quem são direcionadas. Nesse sentido, os professores de EFE, muitas vezes, valorizam conteúdos que historicamente foi construído como "pertence" ao universo masculino, como os esportes, onde os meninos dominam e se destacam. Em contrapartida, dificilmente práticas como dança e ginástica são escolhidas e abordadas, e quando são, são associadas às meninas, como sendo "próprio" do gênero feminino. (Bourdieu, 1999)

A dança está vinculada, muitas vezes, está vinculada à momentos de feminilidade heteronormativa, recreação, lazer e teatro, enquanto a ginástica é vista como uma prática de que representa a suavizes dos movimentos, tendo um viés voltado para o balé e o circo, podendo ter pouco ou nenhum contato físico direto. Isto posto, reforça a associação da dança à delicadeza e à "expressividade feminina", e a ginástica à ideia de estética e controle corporal. Rejeitando o potencial dessas práticas corporais para o desenvolvimento de habilidades motoras, força, agilidade e competição, todavia, variáveis também são percebidas no futebol. Assim destaca Elizangela Chaves (2002) a dança está incluída nos conteúdos de exercícios físicos por conta da compreensão como prática corporal, na busca de um corpo eficiente, frente ao processo de modernização da sociedade. Porém era destinada somente ao ensino para as mulheres, por entender que possuía gestos feminilizantes, suaves, belos, não viris.



Podemos constatar, diante da nossa percepção de experiências no ensino de educação física, que há diferenças quanto a maneira como meninos e meninas participam das atividades educacionais e como ocupam os espaços disponíveis na escola e aulas de educação física, isto é quanto a EFE constitui um destes espaços generificados. Meninos tendem a ocupar o centro das quadras, assumindo posições de destaque, como o atacante no futebol ou ponta no voleibol, e decidindo as regras do jogo, escolhendo os times e manipulando os espaços e equipamentos como bolas e apito. As meninas geralmente ocupam as periferias, as margens, os fundos das quadras, isto é, normalmente as sobras, assumindo constantemente posições de defesa, como zagueiro no futebol ou líbero no voleibol. E quando ocorre o jogo misto, é comum que as meninas sejam posicionadas na defesa do jogo (muitas vezes sendo o capitão, o aluno-menino que a escolheu) enquanto os meninos atuam no ataque ofensivo durante a competição.

Comumente discursos e convicções como: “isso é coisa de menino”, “menina não sabe jogar!” são ditas frequentemente por alunas e alunos, e até por professores e outros funcionários da comunidade escolar. Ademais, por parte dos professores de EFE existe a diferença no incentivo-motivação, onde auxilia ainda mais na criação da generificação dos espaços, termos ditos para os meninos, como: “vamos lá, não tenham medo, sejam mais agressivos!”, “é isso aí! joga com força!” reforça a ideia de que meninos devem ser mais agressivos, eficientes, competente e para as meninas, falas como: “com calma, não precisa ter pressa”, “cuidado para não se machucar!”. Este exagero ao zelar pela segurança da “feminilidade” das meninas acaba reforçando o uso do esporte recreativo - descuidado, nada ambicioso - ao contrário do esporte performance - preciso e competitivo - de fato, criando-se assim um ciclo de exclusão e desinteresse, que reforça a ideia de que comportamentos e habilidades motores são naturalmente mais adequados aos meninos (Altmann, 2015).

Nas competições esportivas promovidas pela escola, também podemos observar como torneios internos e intercolégiais, há uma divergência percebida na organização e na valorização das modalidades rotuladas masculinas e femininas. O futebol masculino, por exemplo, recebe o maior destaque, com jogos disputados em horários nobres que façam com que todos presentes na escola possam assistir. Já o futebol feminino, quando é incluído ou



possui um time feminino na escola, obtêm de menos tempo de jogo e, muitas vezes, sem o apoio da comunidade escolar, de alunos e professores. As equipes masculinas recebem maior prioridade - audiência - quando organizam os horários de treino, equipamentos e atenção dos professores e alunos, podendo ter a fomento de treinos semanais e professores como técnicos dedicados para o êxito do time masculinos.

O julgamento social, por sua instância, exerce uma influência na participação feminina nos jogos internos escolares, sendo um dos fatores de afastamento de meninas para algumas modalidades esportivas no ambiente escolar. As meninas que demonstram interesse em participar de esportes como futebol, futsal e basquete são marginalizadas e rotuladas como “menos feminina” ou “masculinizadas” o que pode gerar insegurança e desmotivação (Louro, 1997; Altmann, 2015).

Segundo o estudo intitulado por “Marias (e) homens na quadra: sobre ocupação do espaço físico escola” de Helena Altmann (1999), há um afastamento nos espaços esportivos, dominados pelo gênero masculino. E quando as meninas tentam romper essa barreira de gênero e ocupar esses espaços, sua presença é vista como uma transgressão. Com comentários pejorativos e exclusão, com teor de violência psicológica direcionada ao gênero feminino. Nesse texto, Altmann destaca que durante o recreio, as poucas meninas que se aventuravam a jogar futebol nas quadras eram chamadas de “Marias”, um termo que, nesse contexto, carregava o peso de que estavam invadindo um espaço que não lhes pertencia.

Portanto, esta pesquisa destaca que a ocupação dos espaços na EFE não é apenas uma questão de organização escolar, mas um reflexo histórico de padrões e poderes socioculturais que precisam, urgentemente, serem desconstruídos. A valorização da participação equitativa de todos os alunos, independentemente do gênero, é essencial para garantir com que todos possam desfrutar das mesmas experiências de aprendizagem. A educação física, como componente curricular da escola, desafia um papel importante na promoção de conteúdos que abracem a diversidade sociocultural. Mais do que ensinar somente os esportes e práticas corporais, ela pode contribuir para desconstruir as normas excludentes e violentas de gênero dentro da escola. Quando planejadas de forma atenta e



direcionada as aulas criam oportunidades para que todas e todos participem plenamente, sem ter em conta a construção normativa do gênero.

CONCLUSÃO

A análise das práticas de gênero nas aulas de EFE mostrou que as divisões entre meninos e meninas nos espaços durante as aulas práticas de educação física, não são acidentais. Ao contrário o binômio de gênero é bem intencional, esta divisão de identidades trata-se de um projeto e por isso mesmo reflete a gentrificação na escola com uma construção social. Esta distribuição desigual dos espaços nas atividades físicas no ambiente escolar, reforçam os estereótipos de gênero, limitando a plena aprendizagem de todos alunos e alunas, especialmente ergue desvantagens para as meninas.

Observou-se os meninos como ocupantes das posições centrais e em contraponto as meninas são posicionadas em locais periféricos - nas sobras - e desempenham papéis mais defensivos. Esse padrão, centro *versus* periferia, e, ataque *versus* defesa, está amparado pelas normas sociais que moldam a percepção da sociedade ao que é esperado de cada gênero. Para reverter essa realidade, é necessário mudar essa disposição espacial generificada nas aulas de educação física, policiando-se destas relações constantemente, na escolha dos conteúdos até a prática educativas nas aulas. Esse olhar, desvencilhando-se dessa normativa, é fundamental para que as alunas e os alunos possam aprender juntos, desenvolver e se expressar livremente, sem as barreiras impostas pelos padrões de gênero.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

ALTMANN, Helena. **Educação física escolar: relações em jogo**. São Paulo: Cortez, 2015. 176 p. (Coleção Educação & Saúde, v. 11).



ANDRADE, Carolina Riente de; BARROS, Amon Narciso de. **Gênero e educação: delimitação de espaço e construção de estereótipos.** *Contrapontos*, Itajaí, v. 9, n. 2, p. 91-103, maio/ago. 2009.

ANDRADE, F. M.; BARROS, J. S. **Gênero e Educação Física Escolar: reflexões sobre a prática pedagógica.** *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 30, n. 2, p. 177-191, 2009.

ANDRADE, Rodrigo P. de; SOUZA, Rogerio de A. **A escola como aparelho ideológico do Estado na obra de Louis Althusser (1918-1990).** *Revista Communitas*, Rio Branco, v. 7, n. 15, 2023. DOI: <https://doi.org/10.29327/268346.7.15-9>. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/COMMUNITAS/issue/view/271>. Acesso em: 28 fev. 2025.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** Tradução de Maria Helena Kühner. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. Disponível em: [A Dominação Masculina \(Pierre Bourdieu\) \(Z-Library\).pdf](#). Acesso em: 14 mar. 2025.

CHAVES, Elisângela. **A escolarização da dança em Minas Gerais (1925–1937).** 2022. 159 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002. Disponível em: [\(Microsoft Word - Elis\342ngela Chaves Disserta\347\343o.doc\)](#) Acesso em: 14 mar. 2025.

DINIZ, Ivana Lúcia Freitas; MOURÃO, Ludgleydson Fernandes. **Educação Física Escolar e Gênero: a prática docente e as relações de gênero na escola.** *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v. 30, n. 4, p. 969-981, 2016.

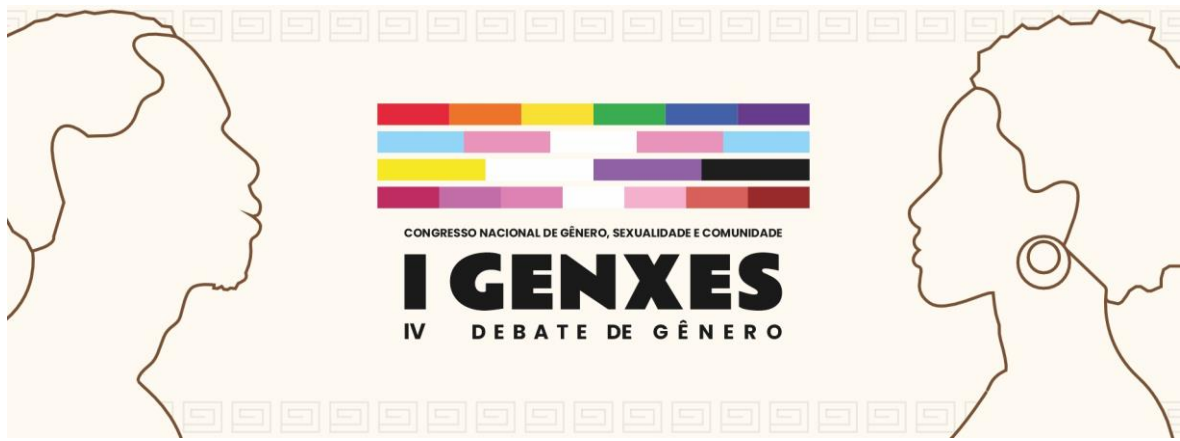
FERREIRA, L. D. **Relações de Gênero no Cotidiano da Educação Física: Reprodução ou Desconstrução?** *UNOPAR Científico – Ciências Humanas e Educação*, Londrina, v. 16, n. 1, p. 61-65, jan. 2015.

JACO, J. F.; ALTMANN, H. **Significados e expectativas de gênero: olhares sobre a participação nas aulas de educação física.** *Educação em foco*, Juiz de Fora, v. 22, n. 1, p. 1-26, jun. 2017.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis: Vozes, 1997.

MOREIRA, A. F. B.; SILVA, T. T. **Sociologia e teoria crítica do currículo: uma introdução.** *Currículo, cultura e sociedade*, v. 2, p. 7-38, 1994.

SANTOS, V. D.; CANDELORO, R. J. **Trabalhos Acadêmicos: Uma orientação para a pesquisa e normas técnicas.** Porto Alegre: AGE, 2006. p. 149.



SCOTT, Joan W. **Gênero: Uma categoria útil de análise histórica.** *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SILVA, Rodrigo Pinto da; BRUGGER, Daniele Rume. **Educação Física Escolar e Gênero: desafios e perspectivas para uma prática pedagógica inclusiva.** *Revista Pensar a Prática*, v. 23, p. 1-17, 2020.